

Cidades.

**Inscrições
para ser da
Família Real**

As inscrições para a eleição da Família Real 2015 estão abertas até amanhã. Os candidatos precisam ser moradores de Vitória e ter mais de 18 anos. *Página 7*

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

REPORTAGEM

ESPECIAL



VITOR JUBIN

VIOLÊNCIA NA ESCOLA PROFESSORES COM MEDO

É o que aponta pesquisa que coloca Brasil em primeiro lugar

/// **KATILAINE CHAGAS**
kchagas@redgazeta.com.br
/// **WESLEY RIBEIRO**
wribeiro@redgazeta.com.br

“O dia a dia do profissional de ensino é marcado pelo medo. Começamos a trabalhar sem saber se vamos apanhar, se vão nos jogar pedra ou se vão nos ameaçar.” Esse é o desabafo de uma professora de 45 anos, que poderia ser feito por muitos outros profissionais da Educação que vivenciam o medo constante nas escolas do Espí-

rito Santo e do Brasil.

O depoimento dessa professora reflete resultado de uma pesquisa feita com 100 mil professores e diretores de escolas de 35 países. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 12,5% dos professores que participaram do levantamento declararam ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos ao menos uma vez por semana.

Com esse índice, o Bra-

sil fica na liderança entre os 34 países em violência em escolas.

Só na Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), houve, neste ano, 23 denúncias de professores contra alunos. O delegado Wellington Lugão acredita que o número de casos pode ser muito maior do que os que chegam à delegacia.

MEDO

A professora, que dá aulas em Cariacica e em Vila

Velha, conta que já foi ameaçada com uma arma por um adolescente de 14 anos. Ele estava em liberdade assistida após ter praticado um assalto.

Ela narra que o aluno passou a exibir uma arma na escola, na tentativa de impressionar as garotas. Quando a notícia chegou à coordenação escolar, ela e a diretora tiveram que enfrentar a situação.

“Como não sabíamos se a arma era verdadeira ou não, insisti para chamar-

mos a polícia, que prendeu o adolescente. A arma era uma réplica, e ele foi liberado no dia seguinte”, conta a professora.

E foi justamente no dia seguinte que a coordenadora encontrou dois dos pneus de seu carro furados, no final de um dia de trabalho.

Além de viver sob ameaças de alunos, a professora de Cariacica e Vila Velha já teve que lidar também com violência verbal de mãe de aluno.

“Ela me chamou de burra. Disse que eu não tinha capacidade de trabalhar e, segundo ela, eu deveria ser descendente de italiano para berrar com os alunos em sala de aula”, relatou.

Isso tudo aconteceu por causa do boato de que ela teria gritado com o filho de um ano da mulher.

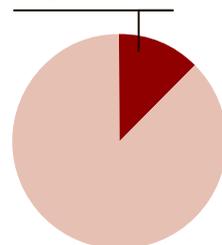
Após a situação, a professora entrou com processo contra a mãe do aluno. E quer conscientizar outros colegas. “Basta que busquemos nossos direitos”, diz.

O QUE DIZ O ESTUDO

Pesquisa da Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostrou que o **Brasil lidera ranking de violência em escola**

100 mil professores e diretores de **34 países** participaram da pesquisa

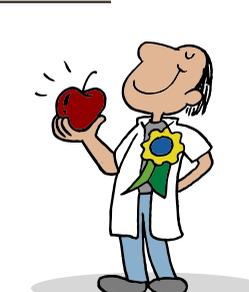
No Brasil, **12,5%** dos professores disseram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos ao menos uma vez por semana



Na média entre países, esse índice é de **3,4%**



Um em cada 10 professores (**12,6%**) no Brasil acredita que a sociedade valoriza a profissão



Nesse quesito, o Brasil está entre os **10 últimos colocados**

A média desse índice entre os países pesquisados é de **31%**



REPORTAGEM ESPECIAL

EDUCADORES ASSUMEM RESPONSABILIDADE DE PAIS

Além de ensinar as matérias, eles têm de impor limite a aluno

/// KATILAINE CHAGAS
kchagas@redgazeta.com.br

Além da função de ensinar conhecimentos específicos, professores assumem também responsabilidade de repassar aos alunos valores, como limites e respeito, que seriam obrigação dos pais. Essa é uma das razões apontadas pelos profissionais e especialistas para explicar a violência vivenciada diariamente por educadores.

“Temos uma geração que não se comunica, que não se respeita. O professor, em vez de trabalhar o conhecimento científico, tem que ensinar tolerância e respeito”, desabafa Gean Carlos Nunes de Jesus, diretor do Sindicato dos Professores da Rede Pública do Estado (Sindiupes). “É a desvalorização do magistério”, lamenta ele.

O Sindiupes entrega nas escolas cartilha para combater a violência a professores e também contra bullying a alunos.

A questão da falta de valores também é lembrada pela psicopedagoga e professora universitária Maria José Cerutti, mestra em Educação. “Essa compreensão dos limites não está sendo desenvolvida. Os pais não estão tendo con-



RICARDO MEDEIROS

Professor teve de mudar de escola

Ele sofreu ameaça de morte de três alunos de uma escola na Serra. Sob estresse, entrou de licença médica e vai mudar de colégio.

“Sempre fui exigente com horário, então sempre havia reclamação. Não existe razão para tirar a vida de alguém”

— PROFESSOR
33 ANOS

trole sobre os filhos, e isso reflete na escola”, diz.

UNIÃO

Apsicopedagoga aponta que um dos caminhos para amenizar a violência é a união de professores, pais, autoridades e legisladores.

“O professor não consegue resolver isso sozinho. Os pais, as autoridades, os legisladores têm que pensar

o que fazer para que a escola volte a recuperar sua autoridade. Não é autoritarismo, mas autoridade mesmo”, defende a professora.

E a profissional lista algumas ações que os professores podem implementar para lidar com situações de risco de violência.

Ela orienta a não chamar a atenção do aluno

na frente dos colegas. Explica que o adolescente está numa fase de “organização de identidade”. A dica nesse caso é conversar separadamente com o aluno. “Uma conversa, um diálogo de respeito mútuo”, defende.

Outra ação é trabalhar com metodologias de ensino que envolvam o aluno na aula, que ampliem

o papel tradicional de ouvintes dos alunos em salas de aula.

“E tem que trabalhar a perspectiva do aluno. A maioria não tem muita perspectiva de futuro. Eles têm uma percepção de que é difícil conseguir algo pelo estudo. É preciso mostrar possibilidades de crescimento”, acrescenta a psicopedagoga.

DEPOIMENTO

“EU ME SENTI IMPOTENTE. NÃO SOU VALORIZADA”

Professora de Vila Velha
54 anos

“Sou professora do ensino fundamental da rede pública de Vila Velha. Um dia, estava no pátio esperando meus alunos para irmos para a sala de aula quando um deles chegou e disse para mim que o pai dele estava armado. O pai queria falar comigo sobre um brinquedo que eu havia tirado do filho dele no dia anterior. Fiquei com medo e contei para as outras professoras que trabalhavam comigo o que estava acontecendo. Para me proteger, elas foram na minha frente para as salas de aula. A coordenadora da escola foi conversar com aquele pai e explicou que eu havia tirado o brinquedo do menino pensando no bem dele. O pai pareceu entender e não voltou mais à escola. Fiquei com muito medo depois disso. Pensei até em pedir ajuda da polícia para ir para casa, mas desisti porque preferi não chamar atenção. Mas eu me senti impotente. O meu trabalho é ensinar crianças a ler e escrever, mas não sou valorizada por isso. Mesmo quando a gente pensa no bem daquelas crianças, alguns pais acham que estamos fazendo errado. Quando o medo passou, depois de alguns dias, senti uma total impotência, mas segui firme na profissão de ensinar”.

Ajuda da polícia para mudar de escola

CARLOS ALBERTO SILVA - 11/06/2013

Assustados com a insegurança constante nas escolas, professores procuraram a Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle) na esperança de conseguir mudar de estabelecimento de ensino.

“Há professor que faz registro de boletim de ocorrência para conseguir a transferência da escola. Eles dizem que não querem representar (denunciar), só a ocorrência”, relata o titular da Deacle, delegado Wellington Lugão. Na esfera criminal, o

máximo de sanção que o adolescente pode vir a sofrer é uma advertência, uma medida socioeducativa ou obrigação de reparar o dano. “A internação jamais é aplicada. Só em caso de homicídio”, explica o delegado.

“MUITO MAIS”

“Constantemente chegam casos aqui. Mas acho que acontece muito mais, não tenho dúvida disso”, afirma o delegado. Para Lugão, o melhor é que a situação seja resolvida, pri-



Delegado Lugão critica a omissão dos pais

meiro, no âmbito escolar.

Ele explica que os pais não podem ser responsabilizados criminalmente por alguma infração cometida pelos filhos. Mas podem ser na reparação de algum dano emocional ou material. Nesses casos, a situação teria que ser tratada na esfera cível da Justiça.

“Os pais têm sido omisso. A maioria não tem o cuidado necessário. Desde novinha, a criança tem que ser informada sobre o que é certo e o que é errado”, defende o delegado.